

# CRIAÇÃO DE UM SINALÁRIO EM LIBRAS DE TERMOS TÉCNICOS DE MECÂNICA E AUTOMAÇÃO: UM ESTUDO NO IFSP

Laísa Conde Rocha MOREIRA  
Adriana Cintra de CARVALHO PINTO  
Gisele Maria Souza BARACHATI  
*Universidade de Taubaté – UNITAU*

## Resumo

Os Tradutores Intérpretes de Libras (TILS) que atuam no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) se deparam com uma carência de sinais em Língua Brasileira de Sinais (Libras) para termos específicos dos cursos técnicos de Mecânica e Automação, o que prejudica a atividade do intérprete e a aprendizagem do aluno surdo. Diante do exposto, a presente pesquisa tem como objetivo criar um sinalário para os termos técnicos dos cursos de Mecânica e Automação partindo da hipótese de que o sinalário pode ser um instrumento do intérprete e do aluno surdo se apropriado pelos sujeitos a partir de objetivos particulares, tal como preconiza Vygotsky e Rabardel. Para alcançar o objetivo, os procedimentos metodológicos da pesquisa se dividem em quatro etapas. Na primeira, foram identificados termos técnicos usados nos cursos de Mecânica e Automação a partir de materiais didáticos fornecidos pelos docentes. Na segunda, foi verificada a existência de sinais para esses termos em dicionários de Libras e em fontes online. Na terceira, foram criados sinais não encontrados nos dicionários, considerando o conceito técnico do termo, a explicação dos professores, a representação criada pelos TILS e a avaliação dos alunos surdos. Por fim, os novos sinais foram gravados em vídeo publicados no site do IFSP, acompanhados de ilustrações para facilitar a compreensão. Dessa forma, esta pesquisa é de abordagem bibliográfica e de campo e de cunho qualitativo.

**Palavras-Chave:** Intérprete de Libras; Sinalário; Libras; Curso de Mecânica e Automação.

## CREATION OF A SIGN IN LIBRAS OF TECHNICAL MECHANICS AND AUTOMATION TERMS IN LIBRAS: A STUDY AT IFSP

### Abstract

The Brazilian sign language interpreters (BSLI) who work at the Federal Institute of Education, Science and Technology of São Paulo (IFSP) are faced with a lack of signs in Brazilian Sign Language (Libras) for specific terms of technical courses in Mechanics and Automation, which harms the interpreter's activity and the deaf student's

learning. Then, the present research aims to create a signpost for the technical terms of Mechanics and Automation courses based on the hypothesis that the signpost can be an instrument for the interpreter and the deaf student if appropriated by the subjects based on objectives, as advocated by Vygotsky and Rabardel. To achieve the objective, the research methodological procedures are divided into four stages. Firstly, technical terms used in Mechanics and Automation courses were identified from teaching materials provided by teachers. Secondly, the existence of signs for these terms was verified in Libras dictionaries and online sources. Thirdly, signs not found in dictionaries were created, considering the technical concept of the term, the teachers' explanation, the representation created by BSLI and the evaluation of deaf students. Finally, the new signs were recorded in a video published on the IFSP website, accompanied by illustrations to facilitate understanding. Therefore, this research uses a bibliographic and field approach and is qualitative in nature.

Keywords: Libras Interpreting Translators; signpost; Libras; courses in Mechanics and Automation

## CREACIÓN DE UN SIGNO EN LIBRAS DE TÉRMINOS TÉCNICOS DE MECÁNICA Y AUTOMATIZACIÓN EN LIBRAS: UN ESTUDIO EN IFSP

### Resumen

Los Traductores Interpretes Libras (TILS) que trabajan en el Instituto Federal de Educación, Ciencia y Tecnología de São Paulo (IFSP) enfrentan una falta de signos en Lengua de Signos Brasileña (Libras) para términos específicos de cursos técnicos en Mecánica y Automatización, lo que daña la actividad del intérprete y el aprendizaje del estudiante sordo. Teniendo en cuenta lo anterior, la presente investigación tiene como objetivo crear un cartel para los términos técnicos de los cursos de Mecánica y Automatización basado en la hipótesis de que el cartel puede ser un instrumento para el intérprete y el estudiante sordo si es apropiado por los sujetos en función de objetivos particulares, como lo defienden Vygotsky y Rabardel. Para lograr el objetivo, los procedimientos metodológicos de la investigación se dividen en cuatro etapas. En primer lugar, se identificaron términos técnicos utilizados en los cursos de Mecánica y Automatización a partir del material didáctico proporcionado por los profesores. En el segundo, se verificó la existencia de signos para estos términos en diccionarios Libras y fuentes en línea. En el tercero, se crearon signos no encontrados en los diccionarios, considerando el concepto técnico del término, la explicación de los profesores, la representación creada por TILS y la evaluación de los estudiantes sordos. Finalmente, los nuevos signos quedaron registrados en un video publicado en el sitio web del IFSP, acompañado de ilustraciones para facilitar la comprensión. Por lo tanto, esta investigación utiliza un enfoque bibliográfico y de campo y es de naturaleza cualitativa.

Palabras clave: Intérprete de Libras; Señalización; Libras; Curso de Mecánica y Automatización.

## 1. INTRODUÇÃO

A predominância do grau de escolaridade dos profissionais que atuam como Tradutor Intérprete de Língua Brasileira de Sinais (TILS) em cursos técnicos e de carreira é de Ensino Médio. A busca por uma graduação ou outro tipo de qualificação nas mais diferentes áreas, quase sempre, depende da progressão salarial desses profissionais. O que geralmente os habilita para o exercício da profissão é a aprovação em exames de proficiência em Língua Brasileira de Sinais (Libras), como Prolibras, embora já exista a graduação em Letras Libras. Nesse sentido, falta ao TILS conhecimento específico sobre os cursos onde atua. A falta de conhecimento sobre as áreas de Mecânica e Automação por parte dos tradutores intérpretes nos cursos técnicos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) tem dificultado a tomada de decisões de interpretação imediatas, principalmente quando esses profissionais não têm sinais correspondentes para os conteúdos específicos.

E isso, por sua vez, tem trazido problemas de aprendizagem ao aluno surdo, que, na maioria das vezes, não se comunica com o professor e depende exclusivamente da mediação do tradutor intérprete. Dessa forma, a atuação profissional do TILS, particularmente, a sua inserção na dinâmica escolar, classifica-o como ator educacional diretamente envolvido nas questões didáticas. É ele que busca ferramentas e estratégias para fazer a mediação com o aluno surdo, principalmente porque os professores, na sua maioria, conhecem pouco ou não conhecem a cultura surda.

Diante disso, a presente pesquisa tem como objetivo criar um sinalário para os termos técnicos dos cursos de Mecânica e Automação, partindo da hipótese de que o sinalário pode ser um instrumento do intérprete e do aluno surdo se apropriado pelos sujeitos a partir de objetivos particulares, tal como preconiza Vygotsky e Rabardel.

Com vistas ao objetivo, este artigo se organiza em duas seções, seguidas das considerações finais. Na primeira seção, discutiremos o sinalário como instrumento do TILS e do aluno surdo nas aulas específicas do Curso de Mecânica e Automação. Na segunda, apresentaremos as quatro etapas dos procedimentos metodológicos da pesquisa: identificação dos termos técnicos usados nos cursos de Mecânica e Automação a partir de materiais didáticos fornecidos pelos docentes; verificação da existência de sinais para esses termos em dicionários de Libras e em fontes online; criação de sinais não encontrados nos dicionários, considerando o conceito técnico do termo, a explicação dos professores, a representação criada pelos TILS e a avaliação

dos alunos surdos, e a gravação em vídeo e publicação no site institucional do IFSP do sinalário.

## 2. O SINALÁRIO COMO INSTRUMENTO

Na perspectiva de Vygotsky (2000), a atividade é necessariamente concebida como tripolar: o sujeito, o objeto sobre o qual ele age ou a situação na qual ele age e os objetos específicos, socialmente elaborados, frutos das experiências possíveis, que fazem a mediação do sujeito com sua ação.

A mediação pode ser compreendida como “processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação; a relação deixa de ser direta e passa a ser mediada por esse elemento. Esses elementos intermediários são ocupados pelos instrumentos materiais/físicos e pelos instrumentos simbólicos, como as linguagens. Os instrumentos materiais e simbólicos “são a verdadeira fonte do desenvolvimento humano” (Leontiev, 2004, p. 318), isto é, os processos sociais e psicológicos do indivíduo se formam por meio de instrumentos. É pela apropriação dos mediadores culturais, que se torna possível o desenvolvimento do sujeito (Vygotsky, 2000).

Os instrumentos determinam o comportamento do sujeito, guiando-no e diferenciando sua percepção sobre seu agir. A intervenção do instrumento dá à atividade uma certa forma e também a representa. Explorar, pois, possibilidades dos instrumentos e transformá-los são também maneiras de transformar a atividade que está ligada à utilização desses objetos culturais.

Rabardel (1995) alarga a noção de instrumento, quando constata que a mobilização de um instrumento depende de fatores como a necessidade, o objetivo e a própria afetividade. Portanto, diferencia artefato de instrumento. Os artefatos, socialmente elaborados, são compartilhados pelos membros de um grupo, e o instrumento acaba por se tornar portador de uma multiplicidade de sentidos para o sujeito.

O processo da “gênese instrumental”, termo cunhado por Rabardel (1999) para se referir ao processo longo e complexo de elaboração e evolução do instrumento, tem quatro níveis. No primeiro nível, a criança pequena não consegue diferenciar a ação do instrumento. Este é como se fosse a própria ação. No segundo nível, a concepção de instrumento é separada da ação da criança, que lhe atribui novas funções e novas propriedades. No terceiro nível, o instrumento tem representação própria. Ele agora é

um meio para a ação do sujeito, mas é dissociado do sujeito. No último nível, o sujeito atribui ao instrumento finalidades estabelecidas pela situação.

Assim, para Rabardel (1999), diferentes relações do sujeito com o instrumento acontecem nas diferentes etapas de seu desenvolvimento; a gênese instrumental não está limitada apenas à infância, mas se estende por toda a vida, e o processo da gênese instrumental carrega, ao mesmo tempo, os artefatos e o próprio sujeito com os esquemas de utilização por ele colocados em uma dada situação ou atividade.

Segundo a proposição de Rabardel (1993), o artefato é o objeto material ou simbólico em si, enquanto o instrumento é uma entidade mista, tendo duas faces: por um lado há o artefato material ou simbólico, existente fora do sujeito; por outro lado – o do sujeito –, há os esquemas de utilização do objeto que articulam suas possibilidades às situações de ação.

Dessa forma, o instrumento, para se tornar mediador, para se tornar transformador da atividade, precisa ser apropriado pelo sujeito; ele não é eficaz senão à medida que se constroem, por parte do sujeito, os esquemas de sua utilização. O processo de transformação progressiva do artefato em instrumento nasce da relação entre sujeito e objeto.

Existem dois processos envolvidos na gênese instrumental, denominados instrumentalização e instrumentação. A instrumentalização consiste na emergência e evolução dos componentes do artefato, ou seja, consiste em um progressivo reconhecimento das potencialidades e das limitações do artefato por parte do sujeito. A instrumentação consiste na emergência e desenvolvimento de esquemas de utilização do sujeito (Rabardel, 1993).

Então, no processo de instrumentação, o artefato imprime uma marca no trabalhador, no caso no TILS, enquanto o processo de instrumentalização engloba dois estágios: um estágio de descoberta e seleção de funções relevantes do artefato pelo profissional, e um estágio de personalização e de transformação do artefato pelo profissional. Dessa forma, um instrumento é uma construção individual de cada TILS, uma vez que a elaboração de esquemas é progressivamente elaborada a partir do uso do artefato em tarefas particulares. Assim, um mesmo artefato pode se transformar em um instrumento diferente para cada sujeito, a partir de esquemas de utilização particulares. Então, o sinalário, para o aluno surdo, pode ser um instrumento de aprendizagem; para o TILS, um instrumento de tradução, mas sobretudo de intervenção pedagógica.

Como construto social e cultural, o sinalário é um artefato à disposição do sujeito que se comunica em Língua de Sinais. Mas, apropriado pelo TILS e pelo aluno surdo que lhe atribuem finalidades particulares, o sinalário pode se constituir num instrumento de agir pedagógico. Masutti e Santos (2008) pontuam que o intérprete, em contexto educacional, não traz apenas o ato de interpretação isolado. Portanto, não é apenas um reproduzidor, mas alguém comprometido com a própria aprendizagem e a aprendizagem do outro. Por isso, o intérprete cria ou modifica instrumentos, à medida que precisa interagir com sua atividade e com o outro. Da mesma forma, o aluno surdo pode se apropriar do sinalário para compreender os ensinamentos do professor e interagir com o intérprete.

Mas, quando se fala em formação do TILS, deve-se considerar o quão novo é esse assunto em nosso país, pois a regulamentação de sua profissão só veio em 2010, por meio da Lei no 12.319 (BRASIL, 2010). Assim, os TILS dos Cursos de Mecânica e Automação ainda não receberam formação para a interpretação em aulas de disciplinas específicas, embora haja a recente Instrução Normativa Interna 12/2023 RET/IFSP, de cinco de maio de 2023, que assegura ao TILS 25% de sua carga horária diária caracterizada como trabalho externo à sala de aula, o que pode incluir atividades de planejamento e de formação.

Considerando a problemática de formação continuada do TILS e o pouco diálogo entre intérprete e professor, descreve-se como o sinalário foi construído.

### **3. A CONSTRUÇÃO DO SINALÁRIO EM LIBRAS DE TERMOS TÉCNICOS DE MECÂNICA E AUTOMAÇÃO**

A Libras, reconhecida pela Linguística, é considerada a língua natural e a primeira língua da Comunidade Surda do Brasil. Libras é língua porque é um sistema linguístico, de modalidade espaço-visual, estruturado numa gramática própria, captada pelos olhos. Em Libras, os surdos conseguem ter acesso às informações e comunicam-se por sinais, expressando todo e qualquer tipo de pensamento e garantindo a preservação da identidade da comunidade surda. (FERNANDES, 2003).

Entretanto, a regulamentação para essa língua só veio em dezembro de 2005 pelo Decreto nº 5.626, que ressalta a necessidade da formação de professores bilíngues para que a educação dos surdos aconteça em Libras e Língua Portuguesa, tendo em vista a importância da interação professor-aluno no processo de ensino aprendizagem.

Com base nessa premissa, a Lei 13.146 de 2015 estabelece a educação bilíngue refletindo uma política pública a favor da Comunidade Surda. Mas, na prática, a formação de professores bilíngues ainda não se concretizou, por isso o aluno surdo precisa da mediação do TILS para se comunicar com o professor.

Assim como outras línguas, a Libras também apresenta variações linguísticas, podendo apresentar variação nos sinais, de uma região do país para outra, considerando a extensão territorial do Brasil. Além disso, essa não é uma língua subordinada à língua portuguesa, apresentando estrutura gramatical própria. E os sinais são compostos por unidades mínimas, que produzem um número ilimitado de sinais (QUADROS, 2002). Libras amplia seu vocabulário com a aquisição de novos sinais, introduzidos pelas comunidades surdas diante às mudanças culturais e tecnológicas.

Segundo Stumpf (2005, p. 36), o sinalário “é o conjunto de expressões que compõe o léxico de uma determinada língua de sinais. É um recurso que serve para registro, a fim de conservar, de maneira concreta, os sinais dos termos específicos em Língua de Sinais, auxiliar os surdos na compreensão do conteúdo e apoiar os profissionais Intérpretes que atuam intermediando a comunicação entre surdos e ouvintes. Os sinalários, compostos por imagens, sinais gráficos e vídeos, surgiram por causa da necessidade de sinais que expressem termos específicos nas diversas áreas de formação educacional e profissional. Portanto, favorecem a inclusão da comunidade surda.

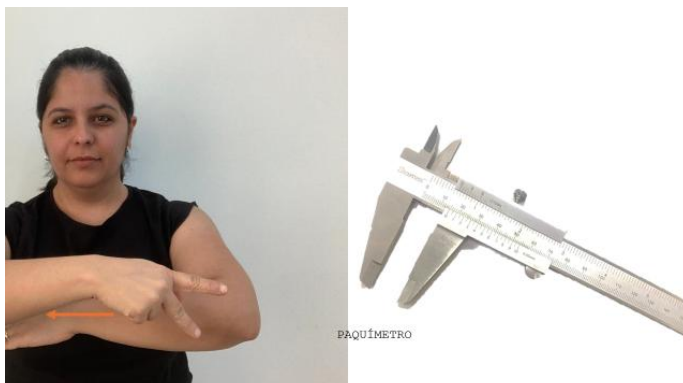
O procedimentos metodológicos desta pesquisa compreendem quatro etapas: seleção de termos técnicos da Mecânica e Automação, pesquisa de sinais existentes, criação de novos sinais e gravação e publicação do sinalário.

Em relação à seleção de termos técnicos de Mecânica e Automação (primeira etapa) foram selecionados 158 termos presentes nos materiais didáticos e paradidáticos fornecidos pelos docentes, que se puseram como parceiros dos intérpretes no levantamento e seleção do léxico da área, com intuito de contribuir com criação de um instrumento favorável para a aprendizagem dos alunos surdos e a atuação do profissional TILS.

Na segunda etapa, verificou-se, em dicionários e glossários técnicos em Libras, impressos e digitais, a existência de sinais para os termos selecionados. Dos 158 termos identificados em materiais didáticos e paradidáticos de 18 disciplinas, 93 termos já eram representados por sinais. Mas faltavam muitos sinais relacionados ao conceito, estrutura e funcionamento de objetos representados.



Na terceira etapa, levando-se em conta o conceito técnico dos termos, a representação física de objetos aos quais alguns termos se referiam e nas colaborações de intérpretes, alunos surdos e professores, criaram-se sinais novos, como os sinais para o termo paquímetro recorrente na disciplina Metrologia. Foi preciso criar sinais para os elementos que compõem esse instrumento empresarial – escala graduada fixa, duas garras e um cursor com nônio; para sua funcionalidade e sua finalidade - medição precisa de pequenas distâncias, espessuras etc.). Por exemplo:



**Figura 1** – Imagem do Sinal de Paquímetro juntamente com a foto do objeto (Laísa Conde, pesquisa de Campos)



**Figura 2** – Imagem do Sinal do movimento que este instrumento realiza juntamente com a foto do objeto (Laísa Conde, pesquisa de Campos)

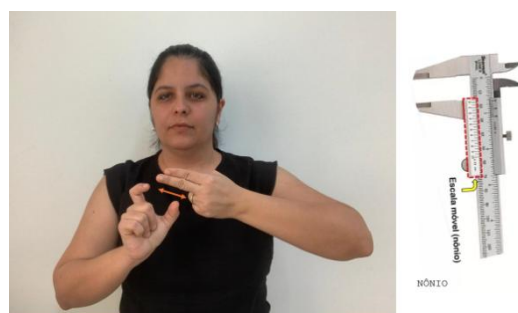




**Figura 3** – Imagem do Sinal do movimento que este instrumento realiza juntamente com a foto do objeto (Laísa Conde, pesquisa de Campos)



**Figura 4** – Imagem do Sinal do movimento que este instrumento realiza juntamente com a foto do objeto (Laísa Conde, pesquisa de Campos)



**Figura 5** – Imagem do Sinal do movimento que este instrumento realiza juntamente com a foto do objeto (Laísa Conde, pesquisa de Campos)



**Figura 6** – Imagem do Sinal do movimento que este instrumento realiza juntamente com a foto do objeto (Laísa Conde, pesquisa de Campos)

Mais sinais criados no IFSP, campus São José dos Campos, dizem respeito aos termos *bainha*, *deming*, *diagrama de ISHIKAWA*, *eutético*, *eutetóide*, *gráfico de pareto*, *polegadas*, *pneumática*, entre outros.

Na criação dos sinais, foi imprescindível a colaboração dos intérpretes, alunos surdos e professores. Isso porque os TILS são profissionais que atuam intermediando a comunicação entre o sujeito surdo que usa a Língua Brasileira de Sinais e o receptor da mensagem que usa a língua oral. Esses profissionais, pois, precisam ter fluência em ambas as línguas para traduzirem em tempo real (*interpretação simultânea*) ou com pequeno lapso de tempo (*interpretação consecutiva*) uma língua sinalizada para uma oral ou vice-versa (*chamada de tradução sinal-voz e voz-sinal ou Português-Libras e Libras-Português*).

Por sua vez, os alunos surdos têm costumes, história, tradições em comuns e pertencentes às mesmas peculiaridades, ou seja, constroem sua concepção de mundo e de linguagem através da visão. Nem sempre os alunos surdos são levados em conta. Pessoas agem por eles e não para eles ou com eles. Cabe lembrar que a história do povo surdo é marcada por perseguições e silenciamentos, já que, historicamente, as deficiências são estigmatizadas em nossa sociedade.

Finalmente, os professores porque eles devem estar sempre em sintonia com seu aluno, ajudando, apoiando, auxiliando nas dificuldades, resolução de problemas etc. o professor é o mediador entre o aluno e o conhecimento e cabe a ele promover atividades pedagógicas e desenvolver instrumentos educacionais que superem as dificuldades e que impulsionem as potencialidades de seus educandos na área social,

emocional, cultural e intelectual. Os professores precisam pensar em cada aluno, fazendo com que todos sejam abarcados, sem prejuízo ou ônus em seu aprendizado. É perceptível a essencialidade desses profissionais para promover uma educação de qualidade e acessível aos alunos surdos. Portanto, tanto o professor, quanto o profissional tradutor-intérprete de Libras deve estar ligados, juntos, na mesma sintonia, focados no aprendizado significativo do aluno surdo. Tais educadores precisam ser cooperadores, que transforme a realidade e promova a uma formação de qualidade.

Na quarta etapa desta pesquisa, os novos sinais foram gravados em vídeo, conforme imagens abaixo, e publicados no site do IFSP, *campus* São José dos Campos (<https://sjc.ifsp.edu.br/napne>), acompanhados de ilustrações para facilitar a compreensão, tal como as imagens acima.



**Figura 7** – Fotos dos momentos das gravações dos sinais em Libras(Laísa Conde, pesquisa de Campos)

O acesso ao sinalário pelos alunos surdos aconteceu em atividades intra e extraclasse, como exercícios, avaliações, apresentação de trabalhos. Os intérpretes consultaram o sinalário durante planejamento, execução e avaliação de atividades de interpretação. Os professores, que não conheciam o artefato, perceberam o quanto o sinalário favoreceu a aprendizagem dos alunos.

Para alunos, intérpretes e professores o sinalário passou a ser um instrumento de transformação da atividade de aprender, interpretar e ensinar. Ao transformar a atividade, os próprios sujeitos foram transformados. E, ao se apropriarem do sinalário, começaram a perceber as inadequações de alguns sinais e as necessidades de ajustes e adaptações ao instrumento sinalário. Isso mostrou que o sujeito se transforma

em interação com o instrumento, mas também transforma o próprio instrumento e, com isso, transforma sua atividade.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As transformações no campo das ciências e tecnologias, a constante evolução da Libras, as necessidades variáveis dos alunos, a garantia da acessibilidade e equidade no ensino técnico e as demandas do trabalho dos TILS no IFSP – *campus* São José dos Campos exigiram a criação de novos sinais apresentados em um sinalário. A expectativa é que esses novos sinais possam ser úteis para outros campi do IFSP e para outras instituições que enfrentam desafios semelhantes no ensino técnico para alunos surdos.

Este estudo evidenciou os procedimentos para a criação de um sinalário para termos técnicos dos cursos de Mecânica e Automação no IFSP e a importância da colaboração entre intérpretes, professores e alunos surdos para o desenvolvimento de novos sinais, que foram disponibilizados em formato de vídeo e ilustrações.

Destacou-se o sinalário como recurso que serve para registro e conservação de sinais em Libras, mas, acima de tudo, como instrumento da atividade do aluno surdo, do professor e do intérprete.

O mais interessante é que o sinalário também foi visitado por alunos ouvintes que, movidos pela curiosidade, abriram caminho para a aprendizagem e a valorização da língua dos colegas surdos, desenvolvendo, conseqüentemente, a comunicação com esses colegas até então considerados incomunicáveis.

A partir disso, os intérpretes do ITFS – *Campus* São José dos Campos – resolveram desenvolver um espaço virtual de aprendizagem bilíngue, de modo que todos os alunos possam ter acesso ao mesmo material e não haja mais distinção de material entre os públicos. Esse aplicativo está em construção e sua implementação destacará as mudanças que a apropriação do sinalário trouxe para o espaço simbólico da sala de aula de um curso técnico.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. *Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005*. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm#art1](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm#art1). Acesso em: 06 set. 2024.

BRASIL. *Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010*. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. 2010. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/lei/l12319.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12319.htm). Acesso em: 29 set. 2024.

BRASIL. *Lei nº 13.146 de 6 de julho de 2015*. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm). Acesso em: 29 set. 2024.

FERNANDES, E. *Linguagem e surdez*. Porto Alegre. Editora Artmed, 2003.

LEONTIEV, A. *O desenvolvimento do psiquismo*. 2ª ed. São Paulo: Centauro 2004.

MASUTTI, M. L.; SANTOS, S. A. Intérpretes de Língua de Sinais: uma política em construção. In: QUADROS, R. M. (Org.). *Estudos Surdos III*. Petrópolis: Arara Azul, 2008.

QUADROS, R. M. de. *O tradutor e intérprete de língua de sinais brasileira e língua portuguesa*. Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos. Brasília: MEC, 2002.

RABARDEL, P. *Les activités avec instruments*. Documento-síntese apresentado para habilitação à direção de pesquisas. Paris: Université Paris 8, 1993.

RABARDEL, P. *Les hommes et les technologies: approche cognitive des instruments contemporains*. Paris: Armand Colin, 1995.

RABARDEL, P. Le langage comme instrument, elements pour une théorie instrumentale élargie. In: CLOT, Y. (Ed.). *Avec Vygotsky*. Paris: La Dispute, 1999. P.241-265.

STUMPF, M. R. *Aprendizagem de Escrita de Língua de Sinais pelo sistema SignWriting: Línguas de Sinais no papel e no computador*. Porto Alegre: UFRGS, CINTED, PGIE, 2005.

VYGOTSKI, L. S. Estudo do desenvolvimento dos conceitos científicos na infância. In: VYGOTSKI, L. S. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. 241 a 394.

### *Laísa Conde Rocha MOREIRA*

Profissional em formação na área de Linguística Aplicada, atualmente cursando mestrado na Universidade de Taubaté (UNITAU) com foco em "Instrumentos do agir do Tradutor Intérprete de Línguas". Possui especialização em Língua Brasileira de Sinais, com um trabalho sobre os desafios enfrentados por surdos no ensino superior. É graduado em Turismo pela Associação de Ensino Superior do Piauí (AESPI), onde desenvolveu um plano de negócio. Atualmente, atua no Instituto Federal de São Paulo (IFSP) no campus de São José dos Campos, contribuindo para a educação e inclusão no contexto linguístico.

### *Adriana Cintra de CARVALHO PINTO*

Formada em Magistério em 1992, a professora atuou na Rede Municipal de Ensino de Tremembé-SP entre 1994 e 2007. Em 1996, graduou-se em Letras pela Universidade de Taubaté (UNITAU) e, em 1998, iniciou sua carreira no Ensino Superior. Obteve o título de mestre em Linguística Aplicada em 2003 e doutora em 2009, ambas as pesquisas focadas na leitura e no trabalho docente. Entre 2005 e 2010, participou de grupos de pesquisa e ministrou cursos de extensão na UNITAU. Desde 2010, integra o corpo editorial da Revista Caminhos em Linguística Aplicada. Atualmente, é professora de Língua Portuguesa e Linguística na UNITAU e na Faculdade Dehoniana, além de coordenar projetos de pesquisa e extensão, como o "Linguagem, instrumentos e trabalho". Também atua como coordenadora de atividades extensionistas e é membro do Núcleo Docente Estruturante do Curso de Letras.

### *Gisele Maria Souza BARACHATI*

Graduada em Letras e Pedagogia; Especialista em Ensino de Língua Inglesa e Psicopedagogia; Mestre em Linguística Aplicada e Doutora em Letras. É professora efetiva na Rede Municipal de Ensino de São José dos Campos desde 2001, tendo atuado como professora de Língua Inglesa (cargo atual), nos Anos Finais do Ensino Fundamental, em Equipes Gestoras e na Secretaria de Educação. Em 2023, passa a compor o quadro de professores efetivos da Universidade de Taubaté (UNITAU) como Professora Auxiliar I do Instituto Básico de Humanidades (IBH) e do Mestrado em Linguística Aplicada. Em 2024, é nomeada Coordenadora Adjunta do Mestrado Acadêmico. A professora ainda presta assessoria pedagógica, atua como Coordenadora Adjunta do PNLD Literário desde 2018; foi redatora do Currículo Paulista de Língua Portuguesa pela e Avaliadora do PNLD Didático em 2022. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3483-3129>